



ORDEM
DOS
ENGENHEIROS

DIA NACIONAL DO ENGENHEIRO 2018

24 DE NOVEMBRO | Porto

Discurso do Bastonário, Eng. Carlos Mineiro Aires

Senhor Ministro do Ambiente e da Transição Energética

Exmo. Sr. Secretário de Estado do Ambiente

Exmo. Sr. Presidente da Mesa da Assembleia de Representantes

Senhores Presidentes das Mesas de Assembleias Regionais

Exma. Sra. Presidente do Conselho Jurisdicional

Exmos. Srs. Vice-presidentes Nacionais

Exmos. Srs. Presidentes e demais membros dos Conselhos Diretivos Regionais
e dos órgãos regionais

Caros Delegados Distritais e eleitos das Delegações

Exmo. Sr. Eng. Horácio Maia e Costa, anterior Bastonário da OE

Exmo. Sr. Bastonário da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas

Exmos. Srs. Bastonários e demais representantes das Ordens dos Engenheiros
de Angola, Moçambique e de Cabo Verde

Sra. Presidente da Royal Netherlands Society of Engineers, Eng.^a Micaela Ramos

Sr. Presidente da FEANI, Eng. José Vieira

Sr. Secretário-Geral da FEANI, Mr. Dirk Bochard

Exmos. Srs. Engenheiros Carlos Borrego, Eduardo Marçal Grilo e Sebastião Feyo de Azevedo, hoje aqui homenageados com a Medalha de Ouro da OE

Exma. Sra. Eng.^a Margarida Laginha Serafim, filha do nosso homenageado a título póstumo, Eng. Joaquim Laginha Serafim

Exmo. Sr. Comendador Jorge Rocha de Matos, novo membro Honorário desta Ordem Profissional, caro amigo,

Caras e caros Colegas,

Bem-vindos todos ao Dia Nacional do Engenheiro 2019.

Comemoramos, uma vez mais, o Dia Nacional do Engenheiro, celebração que hoje também assinala 82 anos de história desde a red denominação (em 1936) do que é a atual Ordem dos Engenheiros, e 149 anos desde que os Engenheiros portugueses se decidiram associar na então designada Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses, criada em 1869.

82 anos de história – referindo-nos à mais recente – de prestígio ao serviço dos portugueses e de Portugal.

Uma história partilhada pelo Mundo, onde a Engenharia portuguesa é, cada vez mais, reconhecida e prestigiada.

Uma história que nos obriga a preservar a memória de todas e todos que para ela contribuíram e, sobretudo, a garantir que o futuro seguirá os mesmos caminhos.

Na essência, uma história de que todos nos devemos orgulhar.

A Ordem dos Engenheiros, seguramente a mais prestigiada Associação Profissional de Portugal, sempre pautou a sua atuação por critérios de elevada exigência no que toca à qualificação, qualidade, atuação e padrões éticos e deontológicos dos seus membros, e disponibilidade para servir o País.

Ao longo desta história temos deixado, um pouco por todo o mundo, uma marca indelével da nossa capacidade de saber fazer, e temos contribuído para o desenvolvimento da pátria e de muitos territórios onde os Engenheiros portugueses desenvolveram e continuam a desenvolver a sua atividade.

Com o engenho que nos é reconhecido, a Ordem dos Engenheiros é uma Associação Profissional moderna, atualizada e constantemente atenta aos novos desafios e paradigmas que o desempenho da profissão nos coloca.

Uma Ordem atenta ao ensino da Engenharia, que pratica uma atuação de proximidade às Universidades e ao ensino Politécnico, ciente de que é da qualidade da formação que advém o reconhecimento da nossa atuação.

Uma Ordem que assegura a regulação da profissão que mais contribui para a criação de riqueza e valor acrescentado, bem como para o bem-estar quotidiano daqueles que servimos e a quem procuramos resolver as necessidades básicas e proporcionar os serviços essenciais.

Uma Ordem que se pode orgulhar de nunca ter recebido até hoje qualquer apoio ou subvenção pública, que substitui o Estado, unicamente à custa dos próprios meios, o que muitas vezes não é percebido, porque não fazemos questão de o recordar.

Na área internacional, a Ordem dos Engenheiros – procurando, em primeiro lugar, o estabelecimento de bases de cooperação nos países onde os Engenheiros e as empresas de Engenharia portuguesas têm interesses, com indiscutível primazia para a Lusofonia – conseguiu estabelecer uma rede de acordos internacionais que muito facilitam a vida e a atividade profissional dos membros que aí trabalham, sempre com base na reciprocidade e no respeito pelas especificidades das partes.

O caso mais recente tem a ver com um Protocolo assinado com o *Engineering Council* do Reino Unido (EngC) na passada quinta-feira, o primeiro que esta entidade celebra internacionalmente, que visa facilitar a mobilidade e o reconhecimento dos profissionais de Engenharia através da simplificação dos processos de registo dos Membros na OE e no EngC, ficando o Engenheiro Sénior da OE equiparado a *Chartered Engineer* no Reino Unido e não só.

Esta atuação aportou uma imagem de prestígio e de respeito internacional, sendo a Ordem dos Engenheiros procurada para integrar muitos dos *Board* das mais diversas associações internacionais, onde marcamos presença ativa e influente.

Na verdade, a Ordem dos Engenheiros fez nesta área, sozinha e a custas próprias, um trabalho que produz resultados, coisa que o Estado português não conseguiu alcançar (veja-se o caso do exitoso acordo com o CONFEA do Brasil).

Em contrapartida, o Estado não nos recompensa com a mesma reciprocidade e, amiúde, até contribui para o desprestígio da profissão, com atitudes e iniciativas legislativas impensadas e altamente lesivas para os Engenheiros e para as empresas que nos empregam.

A Engenharia é uma atividade nobre, que visa melhorar a qualidade de vida da Humanidade e, em grande parte dos casos, evitar e mitigar o risco.

A falta de Engenheiros nos mais diversos níveis de decisão e a forma como o Estado é permissivo a estas situações, quando não as incentiva, permite que as fragilidades se tornem cada vez mais evidentes sempre que alguma catástrofe ou eventos extremos ocorram, como tem sucedido ultimamente.

Enfrentamos problemas antigos num quadro de evolução tecnológica que todos acompanhamos com a maior atenção e, até, com admiração.

Falta de estabilidade no emprego, honorários e salários baixos e, na maior parte dos casos, até mesmo indignos, invasão das áreas de Engenharia por outros profissionais sem qualificações adequadas, incentivos à prática de *dumping* no mercado, onde os grandes contratadores públicos continuam cegamente a optar pela aquisição de serviços e contratações pelo “preço mais baixo”, são razões para que uma grande parte dos nossos colegas não consiga ter estabilidade profissional e pessoal.

Concomitantemente, os jovens, e não só, não têm condições para sonhar que as suas ambições possam ser realizáveis e assistimos impavidamente a um país em acentuada queda demográfica, sem nascimentos e jovens, ou seja, sem futuro e com a nossa sustentabilidade geracional fortemente ameaçada.

O senhor Primeiro Ministro tem referido frequentemente, embora, segundo sei, a primeira vez tenha sido no encerramento do nosso Congresso em 2017, que não quer ver um país a crescer à custa de salários baixos.

Pois bem: é certo que a taxa de desemprego desceu para níveis que até há pouco tempo eram inimagináveis (6,3%), o que seriam excelentes notícias não fosse o caso de a maior parte destes empregos serem gerados em atividades efémeras do setor terciário (hotelaria e turismo), onde se praticam remunerações baixas e não existe estabilidade laboral.

Muitos dirão que é melhor do que nada, mas não nos deixam consolados.

É certo que os paradigmas a que estávamos habituados sofreram alterações irreversíveis, o que a muitos ainda custa a aceitar, mas a realidade é que nas atividades mais tradicionais, como é o caso da Engenharia civil, os tempos da abundância das obras públicas e do pleno e bem remunerado emprego não voltarão.

Em compensação, lidamos com uma nova realidade já consolidada – a internacionalização – que, sendo certo que gera emprego e significativa riqueza, também origina custos e danos sociais significativos a que não estávamos habituados.

Temos, pois, de nos redimensionar e pensar em valorizar mais as oportunidades do mercado público e do mercado privado nacionais, procurando remunerar condignamente quem nele e para ele trabalha, demonstrando a imprescindibilidade e qualidade dos Engenheiros.

Em compensação, nas áreas menos tradicionais da Engenharia, mais ligadas aos avanços tecnológicos e desenvolvimentos digitais, enfrentamos um outro novo paradigma, onde o emprego abunda, os salários, em muitos casos, já têm valores mais dignos e justos, pelo que os jovens Engenheiros portugueses têm elevada procura e existe uma significativa apetência por parte de empresas e centros internacionais tecnológicos que pretendem estabelecer-se em Portugal.

Tal, também só é possível graças ao país desenvolvido e moderno que hoje temos, desde logo com um ensino superior de excelência e com excelentes infraestruturas básicas (abastecimento

de água, saneamento, rede rodoviária, saúde, educação, comunicações – voz e dados, fibra ótica), etc., o que veio aumentar a nossa competitividade apesar da nossa situação periférica.

O nosso XXI Congresso, realizado há um ano em Coimbra, foi dedicado à "Engenharia e Transformação Digital", um tema atual e incontornável, que obviamente não poderia deixar de merecer a nossa atenção.

Foi, assim, a resposta e o melhor sinal de que a Ordem dos Engenheiros, dentro da sua obrigação de servir o país, está atenta à mudança dos paradigmas, à evolução da tecnologia, aos desafios do futuro, às necessidades de Portugal e ao papel dos seus Engenheiros.

Por isso, este terá sido provavelmente o nosso mais importante Congresso, por ter sido marcado por uma mudança histórica, quiçá um virar de página nos temas que tradicionalmente eram abordados, feito com a intervenção da Engenharia e dos Engenheiros que, na linha do que são as atividades quotidianas da nossa Ordem, se focou nas evoluções tecnológicas, sem ter descurado os problemas do presente.

A atuação e a competitividade sofreram, a nível global, profundas alterações causadas pela mudança dos modelos de negócio e dos mercados, o que exige, de todos os atores, estratégias e posturas dinâmicas e diferentes das tradicionais.

Neste quadro, a inovação e as tecnologias irão continuar a ter um papel fundamental, fazendo a diferença, diversificando a oferta e fomentando a excelência e a exclusividade, o que potenciará a nossa competitividade, criará riqueza e beneficiará a imagem externa do país, ao mesmo tempo que fará subir a nossa autoestima.

As preocupações ambientais e a obrigação de preservarmos a Grande Casa, que é o nosso Planeta, também não estão esquecidas e foi nesse sentido que o Conselho Diretivo Nacional declarou o "ano de 2018 como o Ano das Alterações Climáticas na Ordem dos Engenheiros".

O ano de 2019 será dedicado à "Economia Circular/Eficiência Material", com particular enfoque nas eficiências energética e hídrica e em alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Como habitualmente sucede, aproveitamos a celebração do Dia Nacional do Engenheiro, para, aos mais diferentes níveis, homenagearmos e distinguirmos os nossos membros, bem como as instituições e personalidades que, em nosso entender, nos apoiam e contribuem ou têm contribuído para a valorização do ensino, da prática e dos princípios éticos, deontológicos e comportamentais que todos partilhamos e defendemos.

Ser Engenheiro é fazer parte de uma grande família que, educadamente, sabe reconhecer e agradecer, e não há nada como o reconhecimento dos pares que enobrece as distinções.

Pois bem:

Como viram, este ano, e uma vez mais, decidimos prestar essas homenagens, que estendemos desde os mais jovens, aos que mantêm uma fidelização associativa de longa data, os que se distinguem entre os seus pares pela competência e pelo conhecimento, instituições internacionais de referência pela sua atividade ou pelas suas posturas de partilha, cooperação e

entrejuda, com o que melhor temos para dar, ou seja, a prova pública do nosso reconhecimento.

Em todos estes casos, a importância do gesto é maior para quem dá, do que para quem recebe.

Entre eles saliento:

A Proclamação de novos **Membros Honorários**

Internacional:

Em primeiro lugar, na área das Associações Profissionais, a **Ordem dos Engenheiros de Angola e a Ordem dos Engenheiros de Moçambique**, com quem temos relações históricas de amizade e de cooperação.

O Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Engenheiros de Portugal, recorde-se, deliberou atribuir esta distinção, com fundamento na atividade desenvolvida em prol da cooperação e da mobilidade recíproca e plena entre os Engenheiros de Portugal, de Angola e de Moçambique, contribuindo, assim, para a dignificação e prestígio da profissão de Engenheiro e para o reforço dos já estreitos laços de amizade existentes entre as duas associações profissionais.

Nacional

E fora da área associativa, o **Comendador Jorge Rocha de Matos**, uma outorga que já tardava por ser o reconhecimento de uma vida de um português de excelência, com uma atividade pessoal e associativa sempre muito próxima da atividade da Engenharia.

O Comendador Jorge Rocha de Matos tornou-se assim no sétimo membro individual, não engenheiro, a ser declarado Membro Honorário da Ordem dos Engenheiros.

Depois foram distinguidos com **Medalhas de Ouro**, quatro eminentes e distintos Engenheiros com atuação em distintas áreas, mas com uma marca comum que é o conhecimento e a competência com que desempenharam os mais diversos cargos e tarefas a que foram chamados. Refiro-me a:

- **Eng. Joaquim Laginha Serafim**, distinto colega, homenagem que pela primeira vez a OE realiza, pois, o reparo foi feito a título póstumo, 24 anos após a sua morte.

Porque conheço a sua obra e a sua dimensão internacional, muito me honra presidir a um Conselho Diretivo Nacional que deliberou por unanimidade, tal como nos restantes casos, fazê-lo.

- Eng. Carlos Borrego
- Eng. Eduardo Marçal Grilo
- Eng. Sebastião Feyo de Azevedo

Pessoalmente, quero ainda agradecer à Senhora Presidente da Royal Netherlands Society of Engineers, a Eng.ª Micaela Ramos, de origem portuguesa, como o nome indica, a atribuição do título de *Chartered Engineer* desta prestigiada instituição da Holanda.

Na segunda parte desta Sessão Solene, vamos ter oportunidade de celebrar a distinção de alguns membros, quer pelo reconhecimento do seu saber, avaliado e reconhecido pelos pares, quer pela sua fidelização.

- Entrega de diplomas de **Membro Conselheiro**
- Entrega de diplomas dos **50 Anos** de Inscrição na Ordem dos Engenheiros
- Entrega de diplomas aos novos **Membros Especialistas**
- E entrega do "**Prémio Melhor Estágio 2017**"

Caras e Caros Colegas,

A Ordem dos Engenheiros tem muitas tarefas pela frente.

Temos tido pequenas vitórias com reconquista parcial de territórios considerados perdidos, mas temos como interlocutores Governos e um Parlamento pouco abertos a corrigir erros e dislates do passado remoto e recente e, pior, a negarem-se a ver o que é evidente.

Pior do que errar, é não reconhecer que se erra!

Acreditem que é um diálogo muito difícil, onde a decisão só muito raramente é marcada pela razão.

Temos um Estatuto muito recente que sempre careceu de urgente adequação, pontual, mas importante, sobretudo no que respeita à possibilidade de criação e alteração dos atuais colégios de especialidade, cuja rigidez legislativa não se pode aceitar numa altura em que a Engenharia está em mudança.

O estado de desenvolvimento dos países mede-se pelos seus níveis de educação, apoio à ciência e investigação, e pela capacidade da sua Engenharia e tecnologia para garantirem o crescimento e gerarem riqueza.

Temos, pois, condições para podermos fazer um caminho de sucesso e muito melhor do que o do passado recente e, sobretudo, salvaguardar direitos geracionais.

Para terminar, devo, ainda, uma palavra especial aos trabalhadores da Ordem dos Engenheiros, que também ajudaram a fazer este caminho de 82 anos e este Dia Nacional do Engenheiro.

Muito obrigado a todos os que vieram e também aos que não puderam vir.

Vamos fazer de mais este Dia Nacional do Engenheiro, um dia de esperança no futuro dos Engenheiros, no futuro dos nossos jovens, no futuro do nosso país, com a certeza de que ser Engenheiro é, sobretudo, servir e contribuir para o bem-estar dos outros!

Também recordo que este é o último Dia Nacional do Engenheiro deste mandato, pois já se encontra em curso o processo eleitoral da nossa Ordem que conduzirá à eleição dos órgãos que conduzirão os destinos no mandato 2019/2022.

Seria, pois, insensato e desenquadrado da minha parte fazer qualquer referência ao desempenho de todos os eleitos durante o mandato que está a terminar.

Resta-me desejar uma longa vida e muito sucesso para a nossa Ordem, ou seja, o mesmo que a todos vós.

Se, entretanto, não nos virmos, embora seja um pouco cedo para o fazer, a todas e todos desejo Festas Felizes e um excelente 2019!

Bem hajam pela vossa atenção!

Nota: vale versão lida